

FONTES PARA O ESTUDO DA VIDA INTELECTUAL BAIANA (1964-1987)

Anselmo Ferreira Machado Carvalho*

Resumo

O presente texto analisa as possibilidades dos usos das fontes para o estudo das elites letradas da Bahia a partir dos vestígios deixados pela ação dos seus intelectuais. As revistas são as principais ferramentas, pois através delas, podemos, sobretudo, verificar os rastros das elites letradas, as redes e lugares de sociabilidade, os itinerários, as variadas gerações intelectuais que são sobrepostas, e que deixam suas heranças e práticas para as posteriores e, principalmente, suas ideologias inscritas nas temporalidades dos periódicos. Para a análise de variado arcabouço documental recomenda-se os postulados teórico/metodológicos de estudos sobre os periódicos e proposituras para os estudos das elites culturais orientados por Sirinelli (1998).

1. Questões metodológicas sobre as revistas

A principal fonte que embasa este trabalho é a Revista de Cultura da Bahia (RCBA), publicação oficial do Conselho Estadual de Cultura da Bahia (CEC) criado em 1967, espaço de atuação das elites letradas baianas. Nela estão os registros das atividades do Conselho e de sua rotina institucional. Através das atas, algumas publicadas no periódico, podemos reconstituir a vida do Conselho e, conseqüentemente, de parte da vida intelectual letrada da Bahia. Na revista estão também publicados os pareceres, moções e resoluções. Os artigos dos conselheiros e convidados são fontes para se entender o universo das produções intelectuais do período. Complementam o conjunto de revistas que circularam no período, a Revista da Academia de Letras da Bahia (RALB), a Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (RIGHB), a Revista de Cultura da UFBA - *Universitas* e a Revista do Departamento de Educação Superior e Cultura (DESC) - *Porto de Todos os Santos*.

As revistas são fontes que evidenciam a atuação dos intelectuais. Através de sua análise, é possível tecer as redes de sociabilidade, afetividades, as trocas intelectuais e, sobretudo, os temas relevantes da produção ensaística, literária, historiográfica do período. Os discursos de posse publicados na RALB proporcionam o entendimento do caráter endógeno da Bahia intelectual letrada, ao se perceber as homenagens, as referências recíprocas, as moções

de aplausos e o resgate da memórias dos pares intelectuais do passado. É possível, portanto, através deles, esboçar um quadro prosopográfico dos intelectuais.

Através da *Universitas* sabemos da produção da Universidade. A partir da revista, estreitam-se os laços das três instituições (CEC, ALB, IGHB) com a UFBA, lugar comum de atuação do grupo. Além disso, as fotografias contidas nos periódicos contribuem significativamente para perceber os lugares sociais dessas elites. Pensamos as revistas também como fontes iconográficas que guardam as imagens de um tempo, pois “toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”. (KOSSOY, 1941, p. 45)

Três escritos nos referenciam para pensar os periódicos, em especial, as revistas. O trabalho de Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto; Tania Regina de Lucca e de Regina Aida Crespo. Todos eles elencam importantes reflexões acerca do trato dos periódicos como fonte para se problematizar a história e, também, como objeto para se entender determinado contexto. Basicamente os três artigos tocam em pontos essenciais que devem ser levados em consideração pelo historiador ao lidar com os periódicos: a materialidade, o grupo editorial, a difusão, distribuição e os conteúdos. Assim, “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se disponha, do que foi escolhido e por quê.” (LUCA, 2005, p. 132) Do mesmo modo, a autora enfatiza que é importante declarar qual o leitor se deseja atingir, os critérios de hierarquização dos espaços de publicação, bem como analisar aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. (LUCA, 2005)

É importante afirmar que os periódicos fazem parte do inventário do historiador que se debruça sobre a construção de significados, sentidos e representações presentes, principalmente, nas sociedades mergulhadas na produção cultural midiática. A Escola dos Annales possibilitou uma revisão sobre as fontes históricas, sobretudo, em relação aos periódicos, na medida em que estes captam a visão da sociedade da época, sendo um meio extremamente expressivo das ideias e valores de um tempo.

Do ponto de vista teórico, o estudo das revistas suscita a reflexão sobre as temporalidades dos periódicos e a inserção no espaço público. Ademais, “uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão”. (SIRINELLI, 2003, p. 249)

Sobre o tempo das revistas, basicamente é o tempo presente. Elas não estão interessadas no futuro como o livro, “pode-se afirmar que as revistas ocupam um lugar intermediário entre a transcendência dos livros e a transitoriedade dos jornais”. (LUCA, 2005) O calor das disputas, os movimentos de luta por espaços na sociedade, portanto, requer observar esse presente como uma espécie de “imersão em suas páginas, a fim de entender a sua inserção política, o seu papel social, a sua função cultural, o seu projeto estético e, principalmente, a vitória ou o fracasso de suas apostas ideológicas na época em que circularam”. (CRESPO, 2002, p. 99)

Heloisa Cruz enfatiza em seu estudo que as revistas estão inseridas no debate público, portanto, devem ser analisadas numa perspectiva mais global que envolve o enfrentamento de problemas, a historicidade e suas relações com as conjunturas específicas. De outro modo, as revistas perderam a “aura” de que são exclusivamente “documento” e, portanto, que seriam meramente de caráter informativo, mas “monumento”, levantando-se a questão das subjetividades e intencionalidades. Convém lembrar que:

Não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos. Mais ainda, trata-se também de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos. E que, como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro. (CRUZ, 2007, p. 258)

Portanto, cabe entender os projetos inseridos nesses periódicos, fazer o inventário de cada um e perceber as similitudes entre eles.

2. As revistas

Os quatro periódicos em análise, são revistas institucionais e financiadas pelo estado, diretamente (RCBA, *Porto de Todos os Santos* e *Universitas*) ou através de subsídios para publicação, como no caso da RIGHB e RALB. As revistas são expressão da vontade dos grupos de intelectuais envolvidos com o mundo do saber, cujos canais de expressão de suas ideias e sentimentos, estavam materializados em seus escritos nessas revistas. Daí, pensar a “relação entre revistas, grupos intelectuais e contexto histórico e sócio cultural” (CRESPO, 2002: 104)

A evidência parte do princípio de que um grupo de indivíduos, intelectuais em questão, hegemonomizam os espaços intelectuais, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 3. Conselheiros de Cultura da Academia de Letras da Bahia/IGHB/UFBA

Membros da ALB	Entraram Antes da Criação CEC em 13/09/1967	Entraram depois Criação CEC	Data de Posse na ALB	Professor da UFBA	Membro do IGHB
Luís Henrique Dias Tavares	x		14/06/1968	x	x
Raimundo de Souza Brito	x		15/10/1947	x	x
Thales de Azevedo	x		24/05/1962	x	x
Carlos Eduardo da Rocha		x	25/03/1987	x	x
Nelson Sampaio		x	20/04/1971	x	-
Claudio Veiga		x	18/05/1978	x	x
Adriano de Azevedo Pondé		x	05/05/1970	x	-
Odorico Tavares		x	20/06/1972	-	x
Luís Fernando S. de Macedo Costa		x	11/06/1981	x	-
Hélio Simões	x		18/12/1945	x	x
Godofredo Filho	x		30/11/1959	x	x
Renato Berbert de Castro		x	10/09/1980	-	x
Jose Calasans	x		11/11/1963	x	x
Ruy Santos	x		18/10/1956	x	
Wilson Lins	x		29/09/1967		
Antônio Loureiro		x	28/11/1973	x	x
João Eurico Mata		x	10051989	x	
Ary Guimaraes		x	10/11/1988	x	x
James Amado		x	26/04/1990		
Florisvaldo Mattos ¹		x	26/11/1995	x	
Fernando da Rocha Peres		x	16/06/1988	x	

Fonte: Revistas da Academia de Letras da Bahia, números 24, 27, 30, 31. Arquivo FFCH. Pastas Administrativas dos professores da FFCH/UFBA.

O grupo que controlava e dirigia os espaços editoriais das quatro revistas forma uma elite cultural. A sociabilidade foi fator fundamental, porém,

... a história social das elites culturais não se reduz, naturalmente, à sua sociabilidade. Deveria articular-se primeiro à volta da tríade **recrutamento-reconhecimento-estratificação**. Já verificámos a importância do primeiro problema: o recrutamento é essencial porque determina a morfologia das elites culturais numa dada data e, ao mesmo tempo, o funcionamento da comporta é causa de acesos debates de interpretação entre investigadores. Quanto à noção de reconhecimento, pudemos observar a que ponto ela era igualmente determinante, na medida em que serve amplamente de base ao estatuto de membro da elite. (SIRINELLI, 1998, p. 275)

Praticamente os que escreviam nas revistas eram os mesmos e os conteúdos escolhidos serviam para demarcar espaços e prestígio. Consistia numa política cultural inscrita nas revistas

e que “dava respostas ao contexto imediato, a partir de seu próprio lugar geopolítico, social e ideológico de enunciação. Esses projetos e respostas materializavam a busca e manutenção de um público próprio e fiel, identificado com o seu projeto político-ideológico”. (CRESPO, 2002, p. 108) Que projeto era esse? Manter essa fração da elite letrada baiana em evidência, ocupando os espaços no governo do estado, na universidade e em entidades civis (ALB e IGHB) cuja preocupação era desenvolver uma política de memória que valorizasse o passado como resposta aos ventos modernizantes daqueles anos na Bahia.

Através a RIGHB sabemos do quadro social, da formação da diretoria, das notícias e atitudes do IGHB, sobretudo a respeito dos congressos, da história, efemérides, homenagens – artigos dispostos sobre a História do Brasil e da Bahia e os discursos de homenagens a sócios falecidos. Sobre a RCBA, pensada logo em seguida da instalação CEC em março de 1968, os intelectuais que compuseram o colegiado, em sua primeira formação, preocupavam-se em divulgar as atividades do CEC e pensar a política de publicações, no intuito de valorizar a produção baiana. Américo Simas Filho, sugeria que o modelo fosse parecido com a revista do Conselho Federal de Cultura (CFC). Carlos Eduardo da Rocha, por sua vez, reclamava que houvessem recursos destinados exclusivamente para a produção da revista e outras publicações do CEC.¹

A RCBA tinha uma tiragem de 1000 exemplares e boa aceitação no meio intelectual, circulava pelas instituições culturais do país e do exterior.² A revista era remetida para os estados para servir às entidades culturais e também solicitada pelas instituições de abrangência nacional.³ Não era seu objetivo chegar a um grande público, mas aos espaços letrados e ambientes intelectuais e universitários. Além da revista, o Conselho divulgava suas atividades para o grande público na imprensa local da Bahia. Sem muita sofisticação na elaboração editorial e estética, suas páginas em preto e branco eram impressas na Empresa Gráfica do Estado da Bahia.

Os artigos eram distribuídos entre poucos conselheiros, os mais “publicistas” foram Nelson Sampaio, Thales de Azevedo, Américo Simas Filho e José Calasans. Os temas mais e debatidos foram o patrimônio material, a cultura baiana e o folclore - elementos centrais da política de memória adotada, que servia para balizar as ações do Conselho em seus pareceres, artigos, análise de auxílios financeiros, execução da política cultural do estado e elaboração do calendário cultural da Bahia.

A Academia de Letras da Bahia só veio ter revista a partir de 1930, ou seja, 13 anos depois de sua fundação em 1917. Sua coleção de livros foi montada através de doações de acervos pessoais ao longo de todo o século XX. A RALB seguia um formato parecido com RIGHB, revista bancada com subsídios do governo do estado e que começava com apresentação de sua direção e membros e, depois, os artigos e depoimentos dos acadêmicos.

A *Universitas*, publicada entre 1968 e 1991 pelo Departamento Cultural da Universidade Federal da Bahia (UFBA) tinha como objetivo veicular o ensino e a pesquisa realizados na UFBA. Antes disso, entre as iniciativas culturais postas em prática pelo seu fundador e reitor Edgar Santos, havia um programa editorial: *Publicações da Universidade da Bahia*, responsável pela “[...] difusão da cultura, ...edição de trabalhos originais, científicos e literários, nacionais e estrangeiros e ...de autores baianos” (UFBA,2016, p.68) Com isso, a missão da universidade ganhava um ponto de vista humanístico⁴:

Segundo Fernando da Rocha Peres, Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA e Membro da Comissão Editorial da revista quando de sua criação, o objetivo era divulgar trabalhos de docentes em todas as áreas do conhecimento, mas especialmente nas áreas das Letras e Ciências Humanas. [...] A *Universitas* foi pensada como coroamento do longo reitorado de Edgar Santos, que imprimiu à nossa Universidade uma orientação para as artes, as letras e as humanidades.⁵

Ao todo, foram analisados 26 volumes da revista *Universitas* em suas 31 edições e verificado que 6 conselheiros de cultura fizeram parte de seu conselho editorial, 15 escreveram na revista, 40 foi o número de artigos publicados, sendo, os que mais escreveram foram Nelson Sampaio e Thales de Azevedo (06 artigos) e Fernando Fonseca, Américo Simas Filho e Fernando Perez (04 artigos). O intelectual que mais escreveu em *Universitas* foi Edivaldo Boaventura com 07 artigos.⁶

A revista *Porto de Todos os Santos* só teve dois volumes editados e publicados pelo Departamento da Educação Superior e Cultura (DESC), órgão da Secretaria de Educação e Cultura do Estado coordenada pelo historiador Luís Henrique Dias Tavares. A revista tinha por objetivo “acolher várias tendências do movimento cultural, nas suas preocupações, sugestões, indicações e soluções, sem discriminar temas ou pessoas”⁷ De fato isso ocorreu através de publicações na área da história, economia, poesia, prosa, cinema, teatro, educação e história da educação. Contou com a presença de nomes do mesmo círculo de sociabilidade, membros do IGHB, da ALB, da universidade e de movimentos próximos a eles: José Calasans, Godofredo Filho, Orlando Senna, Walter da Silveira, Nestor Duarte, Jairo Simões, Ariovaldo Matos, etc.

O primeiro exemplar é o que temos em mãos e cuja publicação ocorreu em abril de 1968. O segundo exemplar não conseguimos localizar. Segundo Luís Henrique, “a revista nº 2 tornou-se uma raridade, pois com o Ato Institucional nº 5 ela foi toda recolhida”.⁸ A prisão de Luís Henrique, diretor da revista, resultou de embates em torno da realização da II Bienal de Artes, certamente impediu a realização do terceiro volume e, conseqüentemente, a sequência do periódico.

Antes já havia sido barrado sua entrada no Conselho Estadual de Cultura pela Assembleia Legislativa, alegando-se critérios políticos⁹, mesmo reconhecendo-se as qualidades intelectuais do candidato, motivo pelo qual sensibilizou setores da intelectualidade baiana, que, em abaixo-assinado com 90 assinaturas, solidarizou-se com o historiador. Dentre os assinantes, figuras como Jorge Amado, Caribé, Ariosvaldo Matos, Clarival do Prado Valadares e Walter da Silveira. (BAHIA, 1997, p. 277). No jornal *A Tarde* a matéria sobre o caso apontava para a “tensão” gerada naquele dia de votação que, além da aprovação dos nomes dos conselheiros, versou sobre outras proposituras que tiveram veto do chamado “bloco vietcongue” de oposição ao governador.

Foi demitido o Secretário de Educação e Cultura, Luís Augusto Fraga Navarro de Brito; e ocorrido o afastamento, meses antes da Bienal, do então presidente do CEC, Odorico Tavares e, durante a Bienal, as prisões de Luís Henrique Dias Tavares, professor da UFBA e então diretor do Departamento de Educação Superior e Cultura (DESC) e Juarez Paraíso, diretor da Bienal, mais tarde, nos fins dos anos 1970, também conselheiro de cultura.¹⁰ Sem dúvida, Navarro de Brito foi quem mais sofreu sanções, perdeu o cargo de Secretário de Educação e Cultura, depois de ser proibido de adentrar nas dependências da Secretaria, precisou se retirar do país para não ser preso, após vários dias sendo interrogado no Quartel-General, na Mouraria.

O historiador Fernando da Rocha Peres, sucessor de Navarro de Brito na cadeira de número 25 da ALB, relatou que Navarro, em 1967, ao ser convidado para o cargo de secretário estadual, “pensou e conversou com seus amigos e familiares sobre a conveniência de participar de um governo resultante de um golpe de estado”.¹¹ Os motivos da perseguição, conforme Fernando Peres, estão relatados no fragmento a seguir:

É nesse encargo que a vida de Navarro de Brito vai passar por uma provação - que, diga-se de passagem, irá revelar o seu forte caráter e a sua coragem -, ao ser culpabilizado pelos militares, por haver dado cobertura, como secretário, a certas realizações consideradas subversivas: a Bienal de Artes Plásticas, a publicação de Obras Completas de Gregório de Mattos (edição

James Amado), em sete volumes, a circulação da “Revista Porto de Todos os Santos” e a greve dos estudantes do Colégio da Bahia (Central).¹²

Tal fato visibilizou as ambiguidades do Governo Luís Viana Filho (1967-1970) em um processo em que a cultura da Bahia estava entre a criação e a repressão. O governador mandou fechar a Bienal devido a existência de 10 obras ditas “subversivas” e que o apoio à Bienal teria sido o motivo da demissão do secretário de Educação e Cultura, além das renúncias de Odorico Tavares e Mario Cravo Jr. do CEC, para não desagradar o governador e os militares.

Ademais, tal episódio, ocorrido em pleno período de repressão mais acentuada da ditadura civil-militar não mais se repetiria em terras baianas, pelo menos, nesses espaços onde circulavam as elites letradas baianas que estavam com o poder político ou mantinham ligações estreitas com ele.

3. Considerações finais

Os periódicos analisados contribuem para suscitar o debate sobre a história da Bahia contemporânea, ao trazer modos de utilização; metodologias empregadas e possibilidades de formação de problemas de pesquisa. Essas fontes contribuem para repensar o passado através de uma lente específica: a do mundo letrado. Pode-se depreender sobre isso que ocorreu uma exclusão dos setores populares, iletrados e a construção de representações sobre esses segmentos pela elite letrada, cujos objetivos demonstravam a necessidade de se consolidar uma política de memória que servisse aos seus propósitos: a manutenção do seu *status* e dos lugares de poder.

Constituiu-se uma rede de sociabilidade nesses espaços, evidência possível e verificável através do levantamento biográfico e nas trajetórias dos seus membros – na participação em cargos diretivos na UFBA, no IGHB, na ALB e no CEC. As academias eram continuidade dos grêmios e associações literárias – marca de uma tradição baiana. As academias e os demais entes citados são organizações de cultura, cujas ferramentas de difusão além das bibliotecas e acervos, valiam-se das revistas.

A partir dessas considerações, a vida intelectual baiana entre os anos estudados (1964-1987), marcos temporais balizados na criação e fechamento das atividades culturais do CEC nos anos de 1980, foi marcada por reminiscências de geração anteriores. A UFBA se estabeleceu como principal centro cultural (não só a medicina, mas os demais departamentos). O surgimento na Bahia dos cursos de pós-graduação da UFBA a partir da reforma de 1968, não modificou radicalmente a presença dos intelectuais nela, apesar de ter ampliado o papel das

atribuições do professor/intelectual. Muitos quadros do CEC, da ALB e do IGHB assumiram postos chave na UFBA e participaram dos programas editoriais e de difusão do conhecimento, como foi o Departamento Cultural da Universidade e sua publicação, a revista *Universitas*.

O CEC como epicentro desta análise foi, apesar de, numa escala hipotética de representação cultural, um lugar de poder com um grau de importância da UFBA, IGHB, ALB, as duas últimas instituições ainda com relativa importância na vida cultural baiana.

4. Fontes

BAHIA. Assembléia Legislativa. Superintendência de Apoio Parlamentar. Divisão de Pesquisa. **Bahia de todos os fatos: cenas da vida republicana, 1889-1991.** 2^a ed. Salvador: Assembléia Legislativa, 1997. 384 p. ilustr.

Revista de Cultura da Bahia (1968-1983)

Revista da Academia de Letras (volumes de 1964-1987)

Revista do IGHB (volumes de 1964-1987)

Porto de Todos os Santos- volume 1- DESC

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento Cultural da Reitoria. **Notícia histórica da Universidade da Bahia.** 2^a Ed. Salvador: EDUFBA, 2016

Universitas (1968-1990)

5.Referências

CRUZ, Heloisa Faria; PEIXOTO, Maria R. Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, nº 35, dez. 2007, pp. 263-264.

CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. S. **Cadernos de seminário de pesquisa.** Volume II. São Paulo: USP-FFLCH- Humanitas, 2002, pp. 98-116.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateleê Editorial, 2001

ROSA, FLÁVIA; CARVALHO, KÁTIA DE; VIEIRA, SÔNIA C.. **Universitas: Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia, 1968-1991.**In: http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/FlaviaSoniaKatiaNanci.pdf> acesso em 18/07/2018.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, Campus Lagarto. Mestre em História pela UEFS, Doutorando em História UFBA, orientado pela Dra. Lina Aras. Email: anselmo.carvalho@ifs.edu.br

¹ **Arquivo do CEC**. Biblioteca Alves Ribeiro. ATA da 14ª Sessão Ordinária do CEC, realizada em 28/05/1968.

² **Arquivo do CEC**. Biblioteca Alves Ribeiro. ATA da 30ª Sessão Ordinária do CEC, realizada em 11/08/1970.

³ **Revista de Cultura da Bahia**, Salvador, nº 11, 1972, p.185. Solicitação da Biblioteca Nacional.

⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento Cultural da Reitoria. **Notícia histórica da Universidade da Bahia**. 2ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 66. Publicação originalmente feita em 1966 em decorrência dos 20 anos de fundação da Universidade da Bahia.

⁵ ROSA, FLÁVIA; CARVALHO, KÁTIA DE; VIEIRA, SÔNIA C. **Universitas: Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia, 1968-1991**. In: http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/FlaviaSoniaKatiaNanci.pdf acesso em 18/07/2018.

⁶ Foram consultados os volumes de 01 a 31 entre os anos de 1968 a 1990, período em que *Universitas* foi publicada pelo Departamento Cultural da UFBA.

⁷ Editorial. IN: **Porto de todos os santos**. Salvador: DESC, ano I n 1, 1968, p.3.

⁸ CF. <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2009/08/aula-destaca-importancia-da-revista-porto-de-todos-os-santos/>> Acesso em 18/07/2018.

⁹ Luís Henrique tinha sido um dos quadros do Partido Comunista da Bahia, sendo responsável pela edição de *O Momento*, periódico do partido, porém, na década de 1960, já não respondia por uma militância comunista.

¹⁰ “AL aprova mais 7 e rejeita um conselheiro de cultura”. **A Tarde**, Salvador, 16/02/1968, p.7 A votação aconteceu da seguinte forma, sendo o critério: voto favorável x voto contra, “os nomes aprovados foram o Srs. José Calazans- 45x2; Américo Simas Filho – 30x10; Hélio Simões - 27x18; Carlos Eduardo da Rocha - 29x16; Thales de Azevedo - 30x10; Godofredo Filho - 57x6; Diógenes Rebouças - 40x6”. Pelo gosto dos deputados estaduais baianos, Godofredo Filho foi o intelectual com maior unanimidade entre os parlamentares.

¹⁰ **Arquivo do CEC**. Biblioteca Alves Ribeiro ATA da 28ª Sessão Ordinária do CEC, realizada em 03 de setembro de 1968. Este alegando que não havia se adaptado ao serviço público, haja vista era do ramo privado, das telecomunicações (Fundador da TV Itapoan). Sobre Odorico Montenegro Tavares da Silva, nascido em Timbaúba PE, em 1912 e falecido em Salvador BA, em 1980. Jornalista, escritor, poeta e colecionador de arte. Formou-se bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife. Inicia a carreira de jornalista no *Diário de Pernambuco*, pertencente ao grupo Diários Associados. Fixa-se em Salvador em 1942, convidado por Assis Chateaubriand (1892 - 1968) para dirigir a rede dos Diários Associados da Bahia, da qual fazem parte o jornal vespertino *O Estado da Bahia*, a Rádio Sociedade e o *Diário de Notícias* - adquirido após sua chegada. Fonte: <<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/odorico-tavares>> Acesso em 05/09/2016.

UCHÔA, Sara. **Políticas Culturais na Bahia (1964 – 1987)**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/arquivos/politicas_culturais_1964_1987.pdf>, p. 07. Acesso em 13/11/2016. Ver também < <https://www.youtube.com/watch?v=4iiRLmj1nEA>> Acesso em: 13 nov. 2016. Vídeo da TV UFBA onde Juarez Paraíso fala de sua trajetória e de sua prisão durante a Bienal.

¹¹ PERES, Fernando da Rocha. Discurso de posse na ALB. In: **Revista da Academia de Letras da Bahia**. Salvador, n. 36, nov. 1989, p.282. O discurso ocorreu na sessão solene de posse do acadêmico, em 16 de junho de 1988.

¹² PERES, Fernando da Rocha. Discurso de posse na ALB. In: **Revista da Academia de Letras da Bahia**. Salvador, n. 36, nov. 1989, p.283.